

## 8 - Os irmãos do bebê

Denise Streit Morsch  
Nina de Almeida Braga

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MORSCH, DS., and BRAGA, NA. Os irmãos do bebê. In: MOREIRA, MEL., BRAGA, NA., and MORSCH, DS., orgs. *Quando a vida começa diferente: o bebê e sua família na UTI neonatal* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. Criança, Mulher e Saúde collection, pp. 97-106. ISBN 978-85-7541-357-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# OS IRMÃOS DO BEBÊ

## 8

---

*Denise Streit Morsch  
Nina de Almeida Braga*

Nas últimas décadas, a participação de cada membro nos eventos familiares vem se modificando. Isso fica claro ao se observar como as crianças de um grupo familiar participam da preparação para a chegada de um irmão.

Ainda na gestação, elas ajudam na escolha do nome do bebê, na compra do enxoval, e freqüentam as salas de exames ultra-sonográficos, tentando ver nas imagens da tela ou nos vídeos ‘a cara do irmão ou da irmã’. Essa participação facilita a criação de um espaço para o bebê, mas não previne a ameaça que experimentam – pelo menos em fantasia – de que os lugares já conhecidos dentro da família sejam perdidos. Rivalidade, ciúme e competição naturalmente se apresentam, estabelecendo uma novidade nos sentimentos e pensamentos das crianças. Em vários momentos, para elas, o melhor que poderia acontecer seria continuar sendo filho único ou não ter um outro irmão a caminho.

Não é de surpreender, portanto, que todas as preocupações familiares que surgem durante a espera de um bebê ou logo após seu nascimento se refletem nos demais filhos, independente da idade em que eles se encontram. Imersos na ansiedade que a situação provoca, e aliados aos sentimentos de desconforto de todos os familiares, as crianças poderão apresentar distúrbios de sono, de alimentação ou mesmo se mostrarem irritadiças e agressivas. Dificuldades na escola, tanto em relação às tarefas a serem realizadas em casa como no relacionamento com os colegas e professores, são comuns.

Outras poderão ainda adotar atitudes extremamente solícitas e cuidadosas, assumindo condutas de imensa cautela ou mesmo comportamento exemplar no cuidado com a mãe e em suas atividades diárias.

Tais sinais são respostas às preocupações existentes na família, e, ao mesmo tempo, respostas ao mal-estar causado pelo fato de sentirem-se de alguma forma responsáveis pelo que vem acontecendo, pois, como vimos anteriormente, o bebê – provavelmente em alguns momentos – não era totalmente bem-vindo por seus irmãos mais velhos.

Em qualquer uma dessas situações, é importante que os pais, tios, avós ou mesmo padrinhos possam demonstrar compreensão, diminuindo com isso o constrangimento das crianças pela culpa que vivenciam. Demonstrar que elas estão sendo cuidadas e seu sofrimento devidamente avaliado é de vital importância para o cuidado de sua saúde mental e da relação fraterna em construção.

Conversas capazes de exprimir uma atenção cautelosa, ao mesmo tempo em que colocam as crianças a par do que está se passando podem fazer com que estas se sintam mais capacitadas a enfrentar tamanhas dificuldades. Esses diálogos exigem frases curtas e linguagem objetiva – de acordo com a idade da criança – para facilitar a compreensão do que vem acontecendo. São estes os principais recursos que permitirão aos irmãos do bebê sentirem-se seguros e capazes de enfrentar a situação junto aos pais.

Caso a internação do recém-nascido aconteça de fato, é preciso deixar claro que todos os cuidados necessários para com o bebê e sua mãe estão sendo tomados. Muitas perguntas poderão surgir nos diálogos com os filhos, desde aquelas que envolvem o surgimento de um bebê, sua concepção, até perguntas específicas sobre os problemas que estão acometendo o recém-nascido. Talvez indaguem sobre a possibilidade de o bebê vir a morrer. As perguntas que as crianças trazem são, em geral, pertinentes e poderão até ajudar a quem responde a entender melhor o que está se passando. Suas questões sempre encontrarão eco nas dúvidas já existentes nos pais e nos demais membros da família. Contudo, surpreendem por mostrar o surgimento de uma rápida capacidade de compreensão e entendimento para dar conta do que ocorre em suas vidas.

Na UTI Neonatal, durante as visitas aos bebês, podemos acompanhar a maneira tranqüila e adequada que os irmãos se comportam junto às incubadoras, quando adequadamente informados sobre o que acontece: espiando e observando o irmão bebê através das portinholas ou mesmo pelas paredes da incubadora, atribuem significados aos gestos e condutas deles, e questionam o que não conseguem compreender, numa postura que acaba envolvendo os pais e a equipe que se encontra próxima. Seu toque seguro dirigido ao corpo do irmãozinho que acaba de nascer muitas vezes serve como fator determinante na quebra das barreiras ainda existentes entre o bebê e seus pais, ao mesmo tempo em que pode ser uma fonte de regozijo para os últimos observar a competência de seus filhos maiores ao lidar com uma situação que nada tem de fácil.

Algumas crianças chegam ao hospital carregando livros com ilustrações do corpo humano e fazem perguntas sobre o aparelho reprodutor feminino, buscando entender como o bebê deveria estar lá, o que garantia sua sustentação e como ocorrem estes mecanismos fisiológicos, enquanto outros perguntam, após pouco tempo: 'Alguns bebês morrem aqui neste hospital'? Respostas simples e corretas são as mais adequadas, pois oferecem sensação de conforto.

Outras vezes, as perguntas surgem em virtude dos aparelhos utilizados para o monitoramento dos bebês, ou ainda pelas malformações que porventura algum deles apresente. Até mesmo os menores tentam entender o processo, explicando, a partir das próprias experiências, o que representam os monitores e os fios. Marcos, de três anos, ao olhar para o monitor junto à incubadora de seu irmão, perguntou ao pai se poderia assistir ao desenho do Batman naquela televisão. Tendo recebido explicação sobre o objeto ao qual se referia, indagou então sobre a imagem do coração que pulsava na tela.

Lucia, de quatro anos, veio visitar sua irmã Lílian, que apresentava alterações na formação das mãos e dos pés. Os pais ainda não haviam comentado nada com ela sobre isso, pois acreditavam pequena, e, por isso, as diferenças não lhes pareceriam tão visíveis. Lucia fez um desenho para a irmã e arrumou-se para entrar na UTI, acompanhada pelo pai.

A mãe estava junto à incubadora acompanhando o sono de Lílian. Os pais abriram as pequenas portinholas para que ela olhasse lá dentro e enxergasse melhor a irmã. Lucia a olhou durante vários segundos, virou-se para o pai e perguntou: 'Porque a mãozinha dela é assim?' Segura em sua observação, mostrou-se muito tranquila para perguntar sobre o que a surpreendia. Por outro lado, talvez estivesse realizando esta pergunta após a confirmação de algo que já soubesse.

Muitas vezes, os pais acreditam que as crianças não estão ouvindo seus comentários por estarem brincando, assistindo à televisão ou cochilando. Posteriormente, elas mostram que não é bem isso o que acontece, aprontando algumas surpresas.

Outras vezes, o irmão do bebê também é um bebê pequeno e sem idade para apresentar um nível de linguagem que permita uma comunicação verbal. Como lhe explicar então? Da mesma forma, mas usando intervenções lúdicas: contar que o bebê nasceu muito pequeno e está doente, utilizando recursos das histórias infantis, como, por exemplo, um ursinho de pelúcia ou boneco que está doente e precisa tomar remédio.

É extremamente recomendável aproveitar alguns intervalos do dia para brincar de esconde-esconde, principalmente com crianças pequenas, menores de 36 meses. Os pais que ficam muito tempo fora de casa dedicando-se aos exames ou aos cuidados do bebê poderão utilizar a brincadeira do aparece e desaparece, trabalhando com o outro pequeno filho a situação de despedida e retorno que lhes é muito difícil aceitar nessa faixa etária. Algumas histórias infantis também podem facilitar a compreensão desse momento para crianças entre três e seis anos. Por serem universais, presentes em diferentes culturas – o que garante que surgiram do imaginário popular –, representam o que se passa dentro de cada um de nós em situações que exigem o afastamento de pessoas queridas. São elas as histórias de Chapeuzinho Vermelho e de João e Maria. Propor para as crianças a leitura e, eventualmente, promover a dramatização desses enredos com bonecos ou desenhos pode auxiliá-las a conviver com a ausência dos pais e a demora da vinda do bebê para casa.

É importante observar se existem brincadeiras, histórias ou vídeos que lhes interesse mais no momento. Eles podem conter dicas fundamentais sobre como as crianças sentem-se neste período.

Giovana, 5 anos, passou cinco meses visitando sistematicamente sua irmã Jéssica, que havia nascido muito pequena. Conhecida dos médicos, da enfermagem e toda equipe de apoio da unidade, ela conversava com todos, parecendo segura em relação à história da qual participava. Contudo, quando da proximidade da ida da irmã para casa, passou a assistir repetidamente ao vídeo 'A Dama e o Vagabundo' dando maior atenção à cena na qual a personagem principal é colocada para fora da casa quando da chegada do bebê. Com isso, conseguiu uma forma de comunicar o que sentia ao se aproximar o dia de alta da irmã, apesar da aparente tranquilidade que sugeria para todos nos corredores do hospital. Sem dúvida, Giovana escolheu uma forma muito saudável e adequada para expressar suas angústias naquele momento.

Cuidar da rotina do filho que está em casa, procurando modificá-la ao mínimo deve ser outra preocupação da família. Nem sempre tirar a criança de sua casa e mandá-la para a casa de parentes é a melhor opção. Poder ficar em sua cama, em seu quarto, junto aos seus brinquedos e sentindo os cheiros familiares que só a própria casa contém, faz com que continue existindo um terreno conhecido, mesmo que este pareça, algumas vezes, um pouco movediço. Caso não seja possível, é fundamental, além de conversar com o filho sobre essa necessidade, permitir que leve consigo alguns brinquedos, roupa de cama e pequenos objetos de seu quarto para serem seus companheiros nessa transição.

Em relação ao hospital, informe-se sobre o horário de visitas dos irmãos e que tipo de orientação é oferecida. A prática da visita é estimulada pela Academia de Pediatria Americana há muitos anos, e atualmente é uma recomendação do Ministério da Saúde do Brasil, por meio do Programa da Criança, que tem tido um grande investimento no processo de humanização dos cuidados intensivos neonatais nos últimos anos.

Antes da visita, os pais devem conversar com o profissional responsável por essa atividade para discutir as informações que as crianças irão receber. É importante perguntar sobre:

- as dúvidas em relação aos demais filhos;
- a compreensão de algumas situações especiais como, por exemplo, quando o recém-nascido apresenta uma síndrome não visível numa primeira observação;
- o que dizer e como falar para os irmãos o que está se passando.

É recomendável que isso esteja sempre em sintonia com o que a família pensa ser importante no momento. Em geral, isso tudo não precisa ser resolvido com muita urgência, isto é, logo nos primeiros dias de hospitalização do bebê.

Na maioria das vezes, a pessoa da equipe que faz esse trabalho é o psicólogo da unidade. Contudo, em algumas instituições, enfermeiros ou médicos poderão cuidar disso também. Para que a visita seja bem-sucedida, os pais devem pensar muito bem se acreditam ser importante a participação dos demais filhos. A vontade de participar das crianças – ou adolescentes – também deve ser questionada. Se for possível responder afirmativamente a essas duas questões, é então aconselhável que a visita ocorra.

Uma recomendação importante envolve a necessidade de pelo menos um dos pais estar presente no encontro. Na ocasião, o irmão do bebê deve ser informado sobre os aspectos físicos da UTI, e como ocorrem os cuidados neste ambiente especial. Também lhe deve ser oferecida uma imagem próxima do que encontrará no ambiente intensivo neonatal. Para isso, poderão ser usados desenhos, bonecos e objetos similares aos aspectos do atendimento intensivo neonatal. Em geral, isso é apresentado às crianças antes de ocorrer a visita. Para tanto, é realizado um trabalho de grupo – sendo individual em alguns casos especiais – que coloca informações à disposição e avalia as dúvidas iniciais dos irmãos dos bebês. Somente depois dessa prática tem lugar o ingresso na UTI. Além disso, uma pessoa da equipe deve estar próxima para responder a qualquer solicitação do visitante próximo à incubadora. Logo que possível, deve ser oferecida uma possibilidade de toque físico, ou seja, do carinho entre os irmãos. É importante ouvir sempre a orientação da equipe, especialmente da enfermagem, para que esse momento tão especial ocorra da melhor forma possível.

Não deve ser surpresa se algumas crianças forem ao hospital, participarem do trabalho inicial e se negarem a entrar no espaço de cuidados intensivos. Isso ocorre com certa freqüência e deve ser respeitado. Jamais deve ser observado como medo ou fragilidade: pode ser que elas necessitem um tempo maior para se aproximarem da situação. Algum responsável pelo cuidado com os irmãos deverá ficar próximo a essa criança, continuar trabalhando com ela e convidá-la para um próximo encontro. Geralmente, o encontro com o bebê acaba ocorrendo na segunda vinda ao hospital, e ainda pode acontecer de alguns irmãos não entrarem depois de várias visitas, querendo apenas ficar próximos da equipe, da instituição que cuida do bebê.

Depois da visita, cuja duração não deve ser superior a 20 minutos – especialmente quando se trata de crianças menores de 12 anos – a equipe deve sentar-se novamente com as crianças para conversar sobre a experiência. Assim, facilita-se a compreensão, e cria-se uma oportunidade para que estas trabalhem os sentimentos provocados pelo encontro da família ao redor da incubadora do bebê.

Os resultados observados nos irmãos visitantes referem-se especialmente à diminuição nas queixas que os pais traziam antes das visitas e aos comentários que surgem após a entrada dos filhos na UTI Neonatal. As mudanças acontecem particularmente no que se refere a condutas irritadiças, agressivas e queixas escolares. Em crianças pequenas, em torno de dois anos e meio, distúrbios do sono, da alimentação e da evacuação cessaram imediatamente após a visita. O que se passa não é algo mágico: essa proximidade, facilitada tanto pelos pais como pela equipe, garante aos demais filhos que eles são bem-vindos ao lado do bebê.

Algumas situações especiais devem ser lembradas: Pablo, quatro anos, entrou para ver seu irmão depois de ter conversado e trabalhado com a equipe por algum tempo. Sua primeira questão ao vê-lo foi: 'Agora já posso bater nele'? Aliviado por ver que na verdade seu irmão não estava tão grave quanto ele pensava, pôde, protegido pela equipe, expressar toda sua irritação pelo fato de estar experimentando tanta dor pelo que supunha estar acontecendo com o recém-nascido.

Carlos, de 10 anos, há quase dois meses acompanhava seus irmãos gêmeos – que haviam nascido muito pequenos, com aproximadamente 600 gramas cada um – no hospital. A gestação de sua mãe havia sido muito complicada desde as primeiras semanas. Várias intervenções, exames e repouso fizeram parte deste período até que, com 24 semanas gestacionais, Paulo e Renato nasceram. Portanto, Carlos participava desta história há mais de 6 meses. Uma tarde, junto às incubadoras dos pequenos bebês, segurava suas mãos, apertava-as e as mexia de forma incessante. Olhando para quem o acompanhava, com uma expressão extremamente deprimida e ao mesmo tempo com ansiedade disse: ‘Eu não agüento mais, quando vou poder tocá-los?’ A equipe permitiu a Carlos tocar pela primeira vez um e depois o outro irmão. Algumas semanas depois, quando pôde recebê-los em seu colo, fechou os olhos e com seu queixo acariciava uma e outra cabeça dos irmãos que se encontravam sobre seu peito. Alguns minutos depois, os três, cuidados pela mãe, cochilavam aconchegados numa cadeira de balanço, dentro da UTI Neonatal.

As internações mais prolongadas, que geralmente ocorrem quando os bebês nascem muito prematuros – como no caso dos irmãos de Carlos – mostram como é necessário um acompanhamento dessas crianças pela família e pela equipe. A angústia que perpassa a todos devido à necessidade de uma hospitalização tão longa é muito evidente. Em alguns momentos, essas visitas tornam-se difíceis e complicadas, pois junto ao extremo amor e carinho que possuem para com seus irmãos no hospital, está presente o fato de a hospitalização ser muito longa, impedindo que a rotina do ambiente familiar se restabeleça. Nessas situações, poderá ser necessária uma intervenção mais intensa do psicólogo da instituição, pois essas crianças deverão ser melhor acompanhadas e apoiadas durante as visitas e suas necessidades deverão ser cuidadosamente avaliadas para que as respostas que demandam possam surgir de forma adequada.

No acompanhamento dos filhos que se encontram em casa, uma proximidade maior do pai é fundamental. Carinhoso – mas oferecendo limites adequados – e gerador de segurança, ele poderá facilitar em muito as experiências advindas do cansaço e do medo que esse mundo

desconhecido traz consigo. Muito raramente um pai abandona ou suspende suas atividades para acompanhar a internação do bebê. Dessa forma, é ele quem garante a rotina familiar, trazendo a continuidade do dia-a-dia para as demais crianças. O compromisso com o trabalho e com a escola, os horários a cumprir, a atenção com os deveres de casa, o estudo para as provas... Muito provavelmente, é ele quem irá solicitar ajuda aos pais de amigos para que os filhos possam continuar freqüentando festinhas, aniversários ou atividades extracurriculares enquanto o recém-nascido encontra-se no hospital.

Em alguns momentos, é recomendável que haja um revezamento com a mãe. Nos fins-de-semana, por exemplo, o pai poderia permanecer mais tempo na UTI, enquanto a mãe se disporia a sair com os outros filhos para realizar alguma compra, fazer um lanche especial, ir ao cinema, providenciar um presente para um grande amigo que está fazendo aniversário, ou simplesmente permanecer em casa.

O papel fundamental dos avós e demais familiares próximos se manifestará também no cuidado com os demais filhos do casal. Em algumas situações, quando chegarem as férias escolares, a família ainda estará às voltas com a internação. Muitas crianças possuem planos de viagens, que podem ser frustrados devido aos cuidados com o bebê que está internado. Se os pais puderem levá-los para passear na casa dos avós ou mesmo fazer uma pequena viagem com eles será muito bom. Mas não tenha receio de dizer 'não'. Mesmo brigando com vocês, elas preferem ouvir um 'não' a serem postas em um lugar de fragilidade como o do bebê.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BRAZELTON, T. B. *O Desenvolvimento do Apego: uma família em formação.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1981
- DOLTO, F. *As Etapas Decisivas da Infância.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FANAROFF, A. & KLAUS, M. *Alto Risco em Neonatologia.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

KLAUS, M. & KENNELL, J. *Pais/Bebê: a formação do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MORSCH, D. S.; CARVALHO, M. & LOPES, J. M. Programa de Acompanhamento e visitação aos irmãos de bebês internados em UTI neonatal. *Pediatria Moderna*, 33(7): 481-488, jul. 1997.

STERN, D. *O Mundo Interpessoal do Bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

WINNICOTT, D. W. *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.